



FAVELA À VISTA! DAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES AO TURISMO ORGANIZADO.

Caroline Martins de Melo Bottino*

Muito antes do seu descobrimento por parte da indústria do turismo, as favelas surgem como resultado de vários fatores. Dentre eles podemos destacar: o declínio das lavouras e a crescente urbanização, a crise habitacional, a libertação dos escravos e o aumento da imigração. Desde o seu surgimento, as favelas cariocas figuram as manchetes dos jornais e preocupam as autoridades e a população. Nas palavras de um famoso cronista do Rio, Luiz Edmundo (1938):

Alcançamos, enfim, uma parte do povoado mais ou menos plana e onde se desenrola a cidadela miseranda. O chão é rugoso e áspero, o arvoredor pobre de folhas, baixo, tapetes de tiririca ou de capim surgindo pelos caminhos mal traçados e tortos. Perspectivas medíocres. Todo um conjunto desmantelado e torvo de habitações sem linha e sem valor [...]. Construções, em geral, de madeira servida, tábuas imprestáveis das que se arrancam a caixotes que serviram ao transporte de banha ou bacalhau, mal fixadas, remendadas, de cores e qualidades diferentes, umas saltando aqui, outras entortando acolá, apodrecidas, estilhaçadas ou negras. Coberturas de zinco velho, raramente ondulado, lataria que se aproveita ao vasilhame servido, feitas em folha de flandres. Tudo entrelaçando toscamente, sem ordem e sem capricho. (EDMUNDO 2003, vol. 1, pp. 143-144)

Observamos, em seu depoimento, a impressão que teve durante sua primeira visita ao morro de Santo Antônio, no centro da cidade do Rio de Janeiro, onde hoje fica a praça do Largo da Carioca. Nesta época, muito se ouvia falar das habitações insalubres que vinham se multiplicando pelos morros da cidade, despertando assim a curiosidade das pessoas desde o início do século XX.

* Mestra em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.



Já notaram que a miséria interessa e agrada sempre, ao confortado, pelo pitoresco que encerra, pelo que representa como assunto capaz de alegrar-lhe os olhos e o espírito? Nas capas das revistas elegantes, a figura de um mendigo deleita, recreia, satisfaz. O turista de bom-tom, a primeira coisa que deseja visitar em uma grande cidade é o bairro da pobreza. – Já viu White Chapel em Londres? Tão Curioso! – E Moabit, a feira dos andrajos, em Berlim? Os pintores aristocráticos fixam com afã aspectos miseráveis da vida dos desprezados e dos que nada tem. (EDMUNDO, 2003)

O interesse em visitar as áreas pobres de uma cidade fez parte do desejo dos turistas e despertava a curiosidade dos cidadãos desde o final do século XIX. Na Inglaterra, por exemplo, o *slumming*² foi, por muitos anos, uma prática comum aos que de alguma forma interessavam-se pela pobreza, não somente os participantes de Igrejas ou grupos de assistência social, mas qualquer um, parte integrante da sociedade dotado de recursos financeiros, sentia-se obrigado a conhecer, vivenciar ou até mesmo trabalhar por algum período em áreas desfavorecidas. (FREIRE-MEDEIROS, 2009)

[Adderley] lançou mão da “dama lânguida” que era levada às docas para ver um estivador de carne e osso, com o único propósito de impressionar seus convidados, que iam jantar naquela noite. Criticou os “ricos provocadores” que chegavam a *East London* tão cheios de pressuposições literárias que os *slums* visitados não lhes deram, nem de longe, “suficientemente *slummy*”. O *slumming* da moda encorajava alguns observadores a trivializar a pobreza, transformá-la em entretenimento em causa própria e perpetuar preconceitos absurdos sobre a selvageria dos pobres. Disfarçava a curiosidade sexual sob o garbo de altruísmo social. Não havia razão para lamentar seu fim como tendência. (KOVEN *apud* FREIRE-MEDEIROS, 2009)

Este fenômeno teve grande espaço na sociedade inglesa, onde membros da família real, políticos, pessoas que aspiravam à nobreza, dentre outros, não só praticavam o

² *Slumming*, segundo o dicionário de Oxford, é uma tendência a visitar as áreas mais pobres de diferentes cidades, seja com o propósito de fazer filantropia ou apenas por curiosidade.



slumming como faziam questão de divulgar suas experiências nas zonas de pobreza e compartilhar seus testemunhos em reuniões com amigos, registrar em fotografias alegando fins científicos e parte do seu dever como cristão. Desde 1884, os guias turísticos na Inglaterra, já sugeriam excursões aos bairros mais pobres além das clássicas indicações de museus, igrejas e monumentos. (FREIRE-MEDEIROS, 2009)

Dessa forma, não poderia ser diferente aqui no Brasil, onde o surgimento e a evolução das favelas foi acompanhado de perto ao longo dos anos, desencadeando uma infinidade de relatos feitos pelos mais diversos tipos de indivíduos influentes em suas épocas, desde jornalistas, escritores, urbanistas, engenheiros, historiadores, sanitaristas, arquitetos, políticos e agentes sociais. A curiosidade da população por esse espaço, até



então misterioso, instigava brasileiros e estrangeiros a subir o “Morro da Favela” para conhecer essa realidade aterradora. Muitos foram os jornais e revistas da época que buscaram registrar o cotidiano dos seus habitantes através de crônicas, quadrinhos, charges, causos e imagens como a que segue abaixo, publicada pela Revista da Semana e registrada pelo Jornal do Brasil.

Figura 1: Revista da Semana, publicada em 10 de junho de 1907



As mais distintas motivações deram origem a infinitas descrições sobre o que havia no morro da favela. Everardo Backheuser (1879-1951), engenheiro e geólogo, peregrinou pelas moradias insalubres e redutos de pobreza na cidade do Rio de Janeiro, produzindo um relatório sobre as habitações populares. Depois de combater os cortiços, casas de cômodos e pensionatos, colocando abaixo grande parte desses tipos de moradias sob a justificativa sanitária, foi a vez das autoridades olharem para os morros ao redor da cidade. Escrevendo em 1879, ele diz:

O morro da Favella é íngreme e escarpado; as suas encostas em ribanceiras marchetam-se, porém, de pequenos casebres sem hygiene, sem luz, sem nada. Imaginem-se, de facto, casas (!) tão altas como um homem, de chão batido, tendo para paredes trançados de ripas, tomadas as malhas com porções de barro a sopapo, latas de kerosene abertas e juxtapondo-se táboas de caixões; tendo para telhado essa mesma mixtura de materiais presos à ossatura da coberta por blocos de pedras de modo a que os ventos não as descubram; divisões internas mal acabadas, como que paradas a meio com o propósito único de subdividir o solo para auferir proventos maiores. É isto pálida idéa do que sejam estas furnas onde, ao mais completo desprendimento por comesinhas noções de asseio, se allia uma falta de água, quasi absoluta, mesmo para beber e cosinhar. (BACKHEUSER, 1996)

Era como se houvessem duas cidades em uma só. Ao mesmo tempo que os projetos de urbanização do então prefeito Francisco Pereira Passos remodelavam a cidade, com o intuito de extirpar as lembranças da cidade colonial pestilenta para dar espaço aos novos tempos republicanos, subia para os pontos mais altos da cidade tudo aquilo que se queria esconder. Não houveram planos para acabar com a pobreza, apenas obras de remodelação e com isso ela continuava ali, se desenvolvendo como uma espécie de vila da miséria e abandono, segundo o relato de João do Rio, que escreveu em 1911:

Acompanhei-os e dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. Estávamos na roça, o sertão, longe da cidade. O caminho, que serpeava descendo era ora estreito, ora longo, mas cheio de depressões e de



buracos. De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão[...] Como se criou ali aquela curiosa vila de miséria indolente? O certo é que hoje há, talvez, mais de cerca de mil e quinhentas pessoas abrigadas lá por cima[...] Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas-flandres,



taquaras[...] Tinha-se, na treva luminosa da noite estrelada, a impressão lida da entrada do arraial de canudos [...] Pergunto a profissão de cada. Quase todos são operários, mas “estão parados”. (JOÃO DO RIO *apud* SEVCENKO)

São através de crônicas como a citada acima, de relatórios e reportagens de jornal que podemos acompanhar a trajetória das incursões às favelas cariocas ao longo dos anos nos permitindo compreender melhor a relação estreita que tem hoje o turismo com as favelas cariocas. Foram registros como os que vimos que divulgaram ainda mais as favelas pelo mundo, trazendo até elas visitantes ilustres como vemos na manchete abaixo:



O poeta Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), precursor do movimento futurista³, em visita ao Rio de Janeiro em 1926, fez questão de realizar o que ele intitulou como excursão ao Morro da Favella. Questionado pelos jornalistas do jornal O Globo durante uma palestra, ele relatou sua experiência com muita naturalidade. Acompanhado de sua esposa, de alguns jornalistas e de um negociante, morador local, o poeta começou sua expedição por volta das 11 horas da noite. Escolhera este horário pois acreditava que assim não correria tanto risco de ser interpelado pelos meliantes que lá viviam, pois, a esta altura eles já haveriam descido para cometerem seus delitos pela cidade. Marinetti ficou comovido com o que viu e impressionado com as construções de latas amarradas. Para ele, aquilo era melhor que Copacabana, a vista da cidade lá do alto era para ele tão deslumbrante, que comentou: “Que sítios privilegiados escolheu aquela gente”.

Figura 2: Primeira página do jornal O Globo em 18 de maio de 1926.

Apesar da impressão positiva que o poeta teve em sua incursão, a crítica dos jornalistas à sua visita e depoimentos foi demasiadamente dura, com um tom de deboche. Fazendo uma referência aos elementos utilizados pelo poeta futurista o jornal encerrou a matéria dizendo que não queria desmanchar a impressão do futurista pois acreditava que aquilo poderia render-lhe alguns poemas, mas que o mesmo deveria retornar ao local em um dia de sol para ver a verdadeira face do Morro da Favella, com seus trabalhadores e bandidos em meio àquela situação de miséria.

Em março de 1927, o sanitarista Dr. Thadeu Medeiros liderou mais um movimento de higienização e embelezamento da cidade, como vemos na matéria abaixo, que relata a visita realizada a uma favela na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, onde conseguiu convencer os seus moradores de que não havia possibilidades de mantê-los ali, em tais condições e que todos deveriam ser removidos

³ O futurismo foi um movimento artístico e literário, que teve início em 20 de fevereiro de 1909 com a publicação do Manifesto Futurista, pelo poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês *Le Figaro*. O movimento rejeitava o moralismo e o passado, baseavam-se na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX.



daquele lugar. Ele deixou claro que o espaço foi ocupado de forma irregular e, portanto, não seria possível que o governo os indenizasse.

Na reportagem, os moradores relataram que só ocuparam aquele espaço, conhecido como Villa Rica, porque tiveram o apoio de alguns funcionários do governo, que lhes cobraram uma quantia para fazer “vista grossa” à ocupação dessa localidade. Mesmo assim, o sanitarista conseguiu a remoção da favela da Villa Rica.

Antes disso, em janeiro de 1927, o arquiteto francês Donat Alfred Agache foi convidado a participar na cidade do Rio de Janeiro de uma série de conferências sobre urbanismo. Sua participação transformou-se em contratação em 1928. O arquiteto durante sua estada na cidade para a conferência foi mais um dos ilustres visitantes da favela, que posteriormente viria a se tornar parte das metas do seu projeto urbanístico para a cidade do Rio de Janeiro. Segundo a matéria que vemos abaixo, publicada pelo jornal O Globo, o arquiteto, acompanhado pelo engenheiro Everardo Backeuser, foram recebidos na favela com uma típica feijoada, servida em uma pensão local próxima aos armazéns.

Figura 3: Matéria publicada pelo jornal O Globo em 8 de março de 1927





Segundo o jornal, sua excursão ao morro teve o intuito de estudar os típicos aspectos de vida daquela população local.

Mesmo com a intensa movimentação de visitantes ilustres, a favela ainda era,



naquele momento, o grande problema social da cidade do Rio de Janeiro. Ela evidenciava as mazelas da sociedade, as falhas do poder público em prover dignidade ao povo e por isso foi duramente combatida ao longo dos anos, com diversos projetos, intervenções e sanções por parte do governo. Ainda na década de 1920, o termo favela passou a ser uma expressão genérica, que não mais se referia apenas ao Morro da Providência, mas que poderia ser usada para designar toda e qualquer área da cidade que possuísse algum tipo de ocupação irregular.

Com isso, observamos que as incursões às favelas cariocas, ainda tinham por objetivo a compreensão do espaço com o intuito de buscar soluções e alternativas para impedir o seu avanço e tentar extirpar as favelas da cidade. Contudo, podemos perceber que havia, mesmo que implícito, um pouco do *slumming*, mais comedido e disfarçado talvez, em cada uma das excursões, justificando-se na prerrogativa dos estudos para os projetos urbanísticos da cidade. É possível notar facilmente uma interação e uma tentativa de aproximação com os habitantes locais ao provarem dos quitutes típicos, requisitarem

o acompanhamento de um morador local durante as visitas, sempre na tentativa de experimentar de uma forma mais intensa e autêntica do que um simples observador aquele espaço pitoresco pela pobreza que o assola.

Em 1930, com a posse de Getúlio Vargas, uma nova representação das classes populares surgiu. Ele nomeou Pedro Ernesto como prefeito da cidade do Rio de Janeiro em 1931. Com ideais semelhantes aos de Getúlio Vargas, Pedro Ernesto ficou conhecido como “o médico dos pobres”, pois seus planos iniciais eram construir escolas e hospitais. Seu pensamento se assemelhava aos progressistas americanos do século XX que acreditavam na construção de uma responsabilidade pública pela pobreza com o intuito de reduzi-la e amenizar o estigma de inferioridade. (VALLADARES, 2005)

Nesse momento o olhar sobre as favelas mudou de território a ser extirpado para terreno favorável a negociações políticas. Com isso a favela passou de problema a oportunidade e deixou de ser combatida para ser melhorada. Os governantes buscavam nas favelas eleitores em potencial, porém



Figura 6: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 11 de maio de 1936

a imagem da favela ainda continuava a mesma, de um território de descaso e pobreza. Sua existência não se concentrava mais na zona central da cidade, expandindo-se também para as zonas sul, norte e oeste. Não demorou muito para as críticas a essa nova forma de gerir as favelas começarem a aparecer, como vemos na imagem abaixo.



O número de “expedições” ou “excursões” foi crescendo com o passar dos anos e em 1931, o Príncipe de Gales esteve no Brasil e foi recebido pelo então presidente Getúlio Vargas. Sua estadia durou alguns dias, com muitas programações diárias que variaram de almoços oficiais, jogos de polo, encontro com jornalistas e etc. A cidade teve suas principais avenidas decoradas para a recepção do herdeiro do trono, do que naquela época todos consideravam o maior império da terra, segundo a reportagem que noticiou tal visita, publicada em 25 de março de 1931 pelo jornal O Globo.

Nesse momento, notamos, através de reportagens e charges da época, que a favela passava por uma transição, de problema social a espaço exótico, um esboço do que viria a ser considerado, anos mais tarde, um atrativo turístico. Não se sabe ao certo se é verdade, ao menos não foi encontrada nenhuma reportagem que fundamentasse tal hipótese, mas a revista Careta, em forma de sátira, publicou, como vemos abaixo, o que seria o novo protocolo oficial para recepção de Chefes de Estado, incluindo a visita à favela como





compromisso oficial. A charge sugere uma possível visita do príncipe ao Morro da Favella tendo o presidente Getúlio Vargas como anfitrião.

A revista faz uma ligação entre o Morro da Favella e a *White Chapel*, comparando a *slum* britânica com os morros cariocas. Dessa forma, notamos uma dura crítica às excursões às favelas por parte dos visitantes estrangeiros e ao incentivo dado à esta prática pelos governantes. Na charge, vemos uma associação do espaço favela com uma das comidas mais tradicionais da cidade, a feijoada, lembrando o episódio da visita de Agache e sua recepção com a mesma iguaria da gastronomia regional. Seria esse o momento do surgimento do conceito de favela como representação dos hábitos e costumes populares, como uma amostra da cultura carioca? Não podemos afirmar, contudo a associação da favela à feijoada e ao samba começam se repetir em muitos relatos nas demais excursões que se seguem.

Posto isto, podemos ver, timidamente, a movimentação que alguns anos mais tarde vai desencadear na comercialização de passeios turísticos às favelas cariocas, que até o presente momento, eram feitos sem planejamento, organização e cobrança de qualquer valor para a realização do mesmo. Nesse momento, as excursões ainda se resumiam a uma atividade

Figura 7: Charge publicada pela revista *Careta* em 28 de março de 1931

desempenhada apenas por pessoas influentes, artistas, intelectuais, políticos, chefes de estado e religiosos como continuaremos observando nas excursões que se seguem.

Em 1975, o prefeito de Paris, Jacques Corbon, veio à cidade do Rio de Janeiro e incluiu em seus passeios turísticos uma vista à Cidade de Deus e à Rocinha. O prefeito, acompanhado de uma equipe de seis urbanistas, fotografou muito durante todo o trajeto e elogiou a disposição dos moradores das favelas em transformar seus barracos em casas de alvenaria, mas também se espantou com o número de pessoas que habitavam a favela naquela época, que já superava o crescimento demográfico do centro de Paris.

O Papa João Paulo II visitou o morro do Vidigal em julho de 1980, e em seu discurso disse que a igreja católica no Brasil queria ser a igreja dos pobres. Ele inaugurou uma capela a São Francisco e entregou de presente um anel de ouro ao padre Ítalo Coelho,

presidente da pastoral das favelas, pedindo que o mesmo vendesse e revertisse o dinheiro em melhorias para os favelados. A visita não durou mais de uma hora, mas repercutiu em



Princesa vai ao Cristo e hoje visita uma favela

A Princesa Anne, que ontem chegou ao Rio, cumpriu um programa intenso: visitou o Mirante Dona Marta e o Corcovado, onde subiu a escada até o Cristo sem descansar uma vez sequer, visitou a British Petroleum Mineração e jantou no Palácio das Laranjeiras, como convidada do Governador Leonel Brizola e em companhia de políticos do PDT e empresários. Dois agentes da Scotland Yard acompanham todos os passos da Princesa no Rio. Hoje, ela faz uma visita à Favela do Cantagalo, onde conhecerá a sede da Associação dos Moradores e uma igreja da comunidade de favelados.

Página 11

O cruzado hoje
vale Cr\$ 1.103,82

Figura 8: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 25 de março de 1986.

Janeiro, o Cristo Redentor, colocando os dois em um mesmo patamar de localidades escolhidas pela princesa em sua visita à cidade.

Gradativamente o número de visitantes ilustres que incluíram a favela em seu roteiro pela cidade do Rio de Janeiro foi aumentando e tornando-se cada vez mais frequente, assim como a diversificação nas opções de favelas a serem visitadas, onde já começamos a observar uma migração das favelas da zona central, muito procuradas até meados da década de 1930, para as favelas que foram surgindo e se consolidando na zona sul da cidade.

Na década de 1990, mais precisamente no ano de 1992, a favela teve seu recorde de visitantes internacionais, em sua maioria pelo advento da conferência das nações unidas pelo meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, a ECO-92. Esse evento reuniu na cidade do Rio de Janeiro políticos, ativistas, ambientalistas, líderes religiosos e trouxe consigo uma enxurrada de turistas estrangeiros de todas as partes do mundo.

todos os jornais da época.

Em março de 1986, foi a vez da Princesa Anne, da família real Britânica, visitar o morro do Cantagalo para conhecer a sede da associação dos moradores e uma igreja local, antes disso já havia visitado o mirante Dona Marta, localizado na favela Santa Marta, em Botafogo e o Cristo Redentor, na Floresta da Tijuca. O jornal destaca a visita à favela juntamente com a foto de sua passagem pelo ponto turístico mais famoso da cidade do Rio de



A Eco-92 pode ser considerada um marco na história do turismo receptivo na cidade do Rio de Janeiro, pois sua realização deu origem a muitos roteiros turísticos pela cidade e colocou o *favela tour* de uma vez por todas no guia turístico carioca, popularizando o roteiro e tornando-o acessível a qualquer pessoa, de qualquer origem, seja ele ilustre ou não, que estivesse disposta a desembolsar uma determinada quantia para a realização do passeio.

Durante a ECO-92 os jornais não pararam de noticiar excursões às favelas realizadas pelos ícones mais ilustres que participaram do evento, como vemos abaixo na imagem a esposa do Primeiro-Ministro do Canadá, Mila Mulroney e o líder religioso

Dalai Lama em visita à Rocinha.

Figura 9: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 13 de junho de 1992.

Nesta matéria vemos a inserção do termo “ponto turístico” ao noticiar uma excursão à favela. Diferente de tudo que já vimos nas reportagens anteriores, nesse momento a mídia fomenta o turismo em favela, aceitando a existência dessa atividade que por muitos anos fora noticiada



Favelas e meninos de rua viram pontos turísticos do Rio

da época. Mas, de fato, nesse momento a atividade popularizou-se entre os turistas estrangeiros que vinham para o Brasil na década de 1990.

Em especial, depois de fevereiro de 1996, quando Michael Jackson desceu de helicóptero no morro Dona Marta, em Botafogo, para a gravação do clipe da música: “*They don’t care about us*”, antes disso, esteve no pelourinho, em Salvador, na Bahia. A



como excursões exóticas. Ao tratar a favela como ponto turístico abre-se uma série de discussões no campo das ciências sociais, por parte da sociedade e das autoridades



escolha da favela como locação gerou uma grande polêmica sobre a imagem do Brasil que seria transmitida para o mundo. Ele ficou por 5 horas na favela, acenou para os moradores que se amontoavam pelas lajes em busca de um bom lugar para ver o astro norte-americano.

De todas as visitas aqui relatadas até o momento, a do cantor *pop* foi a mais

Figura 10: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 12 de fevereiro de 1996.

emblemática de todas, pela sua repercussão na mídia e o despertar de análises mais profundas sobre a exploração da favela pelos meios de comunicação e pela indústria do turismo. A repercussão da visita de Michael foi tão grande, que até o governador da cidade do Rio de Janeiro na época, Marcelo Alencar, ameaçou proibir judicialmente a gravação do clipe na favela. Houve um movimento por parte da secretaria de comércio e turismo, juntamente com empresários do setor de serviços, pedindo uma atitude do governo que impedisse Michael de usar a favela como set de filmagem. Tal medida não aconteceu e a visita dele só fez consolidar o cenário turístico das favelas cariocas, promovendo ainda mais a favela Santa Marta com mais uma possibilidade de turismo em favelas, que até então concentrava-se na Rocinha, Vidigal e Providência.

Em outubro de 1997, o presidente americano Bill Clinton visitou a favela da Mangueira, onde fez um discurso, abraçou moradores, jogou futebol, tocou tamborim e assistiu a uma apresentação do GRES Estação Primeira de Mangueira. Sua passagem pelo país foi muito conturbada, dias antes da sua chegada não sabia-se ao certo a programação oficial do presidente e haviam muitas divergências entre a segurança idealizada pelo Brasil com as exigências norte-americanas. Mas no final, tudo correu como o esperado e o presidente quebrou o protocolo e caiu no samba.

A lista de políticos, celebridades e famosos, de um modo geral, que visitaram e visitam as favelas cariocas é ainda mais extensa. Podemos enumerar muitos outros casos como a primeira dama francesa e cantora Carla Bruni, que visitou o morro do Cantagalo no bairro de Copacabana em 2008, o ator norte-americano Sylvester Stallone, que esteve na favela Tavares Bastos, no bairro do Catete, também em 2008. O Cantor Lenny Kravitz e o ator norte-americano Edward Norton, ambos visitaram a cidade em 2007, o cantor escolheu a Rocinha e o ator visitou a Tavares Bastos.



Desde as primeiras incursões até os dias de hoje, podemos observar essa longa trajetória da visitação das favelas que foi acompanhada de perto pela mídia nos ajudando a compreender o longo caminho que culminou na favela de hoje, um atrativo turístico consolidado no cenário turístico da cidade. Ainda hoje, a favela desperta a curiosidade de famosos e anônimos recebendo milhares de visitantes todo o mês.

As primeiras empresas a comercializarem os passeios turísticos nas favelas cariocas foram à Favela Tour, fundada pelo Marcelo Armstrong em 1991 e a Jeep Tour, fundada pela Bela Seabra, em 1992. As duas empresas reivindicam o pioneirismo desse segmento de turismo, contudo, por falta de registros, é impossível precisar qual delas teria realmente iniciado as atividades. Alguns anos depois, começaram a surgir outros projetos e empresas, inicialmente, todas trabalhavam o mesmo local, a favela da Rocinha. Em 1998, Rejane Reis fundou a Exotic Tours, que oferecia além dos tours pela favela, experiências em centros de umbanda e shows nas quadras das escolas de samba.

Na década de 2000, houve um crescimento considerável no número de empresas, em 2003 surgiu a Be a Local, que oferecia tours de moto taxi, em 2007 foi a vez da Favela Adventures, que surge como projeto de capacitação de Dj's na favela da Rocinha ao mesmo tempo que oferece Tours a pé pela localidade. Depois disso, vieram muitas outras iniciativas, em outras favelas como empresas de Ecoturismo no morro do Vidigal, o projeto das casas tela no morro Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, e a capacitação dos moradores locais para atuarem como guias, pelo projeto Rio Top Tours, no morro Santa Marta. Esse último projeto citado, deu origem a várias microempresas de turismo, que hoje atuam na localidade, como a Favela Scene do guia Gilson Fumaça, a Brazilidade da guia Sheila Souza e a Favela Santa Marta Turismo da guia Salete Martins.

Como podemos observar, existem muitas empresas que atuam fortemente nas favelas, dedicando-se a promover experiências aos turistas. Uma atividade que começou timidamente e foi duramente hostilizada, hoje tornou-se independente e conta com a iniciativa local, não só como atores, do cenário favela, mas também como protagonistas da sua história, como empresários. É uma atividade sem previsão de término e com mais adeptos a cada dia que passa. O favela tour de Marcelo e Bela, virou um fenômeno dentro do turismo nacional.



Ninguém jamais poderia imaginar que as desprezíveis visitas ao morro da favela de 1920, dariam origem ao turismo de massa, que hoje, em 2016, leva milhares de turistas às favelas cariocas. Mas há quem acredite que tudo isso pode acabar se o programa de pacificação das favelas fracassar. Ainda assim, é importante ressaltar que o turismo surgiu bem antes da implantação desse projeto, que admitimos ter colaborado para a consolidação da favela como produto, porém, os conflitos internos e a violência urbana ainda têm uma forte influência na demanda turística.

Decerto não sabemos como a atividade vai se desenrolar nos próximos anos, em especial após o fim da temporada de grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro. Sem dúvida, o segmento ainda se encontra em uma linha crescente, com muitos investimentos, novos negócios e mesmo que o caos urbano se estabeleça nos próximos meses e/ou anos, o interesse dos turistas em uma experiência autêntica vai continuar existindo e, quem sabe, o público que busca as favelas não seja redirecionado ao subúrbio da cidade.

Uma certeza que podemos ter ao analisar essa trajetória é que apesar das reivindicações das empresas acima citadas pelo pioneirismo da atividade, a demanda pelo desbravamento das favelas tem seu início muito antes de qualquer empresário pensar em comercializar esses roteiros. Interessante observar como a favela sempre foi um espaço intrigante, que atraía visitantes dos mais diversos em busca do misterioso, perigoso e excêntrico. O presente artigo remonta essa trajetória da “favela produto”, elucidando seu começo, meio e desenvolvimento, nos levando a pensar se haverá, algum dia, a saturação dessa atividade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício, 1988. *A EVOLUÇÃO URBANA DO RIO DE JANEIRO*. Rio de Janeiro: IPLANRIO & Zahar.

BACKHEUSER, Everardo, 1996. *"Habitações Populares"*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

BARRETO, Margarita, 2007. *Cultura e Turismo: Discussões contemporâneas*. Campinas: Papirus.



BENCHIMOL, Jaime, 1992. *Pereira Passos: Um Haussmann Tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca.

BENCHIMOL, Jaime, 2003. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. Em: *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente..* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 233-286.

CASTRO, Celso, 2001. A natureza turística do Rio de Janeiro. Em: M. BARRETO & Á. BANDUCCI JR., eds. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus, pp. 117-125.

CASTRO, Celso, 2006. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. Em: G. Velho, ed. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 80-86.

EDMUNDO, Luiz, 2003. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca, 2006. A favela que se vê e que se vende reflexões polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(65), pp. 61-72.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca, 2009. *Gringo na laje: Produção, circulação e consumo da favela turística..* Rio de Janeiro: FGV.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca & MENEZES, Palloma, 2008. Turismo e patrimônio num território em conflito: o caso do morro da providência. *Cidade, Território e Urbanismo: Heranças e Inovações* , 10(3).

FREIRE-MEDEIROS, Bianca & MENEZES, Palloma, 2009. Fotografando a pobreza turística. *Revista Antropológicas*, Volume 20, pp. 173-198.

MENEZES, Palloma, 2008. *Interseções entre novos sentidos de patrimônio, turismo e políticas públicas: Um estudo de caso sobre o Museu a céu aberto do Morro da Providência*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas - IUPERJ.

NAPOLITANO, Marcos, 2009. "O fantasma de um clássico": recepção e reminiscências de Favela dos Meus Amores. *Revista de Cultura Audiovisual*, 36(32).

NOVAES, Regina, 2013. Quatro jovens, quatro trajetórias.. Volume 1.

Revista da Semana, 1935. Favela o Berço do Samba. *Revista da Semana*, Issue 16, p. 52.



SEVCENKO, Nicolau, 1998. A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio de Janeiro.. Em: *História da Vida Privada do Brasil 3*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 513 - 561.

VALLADARES, Lícia, 1991. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. Em: *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*.. Rio de Janeiro: IUPERJ/Rio Fundo, pp. 81-112.

VALLADARES, Lícia, 2005. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV.

VEENA, Das. & POOLE, Deborah, 2004. *Anthropology in the Margins of the State*. Oxford: School of American Research Press/James Currey.